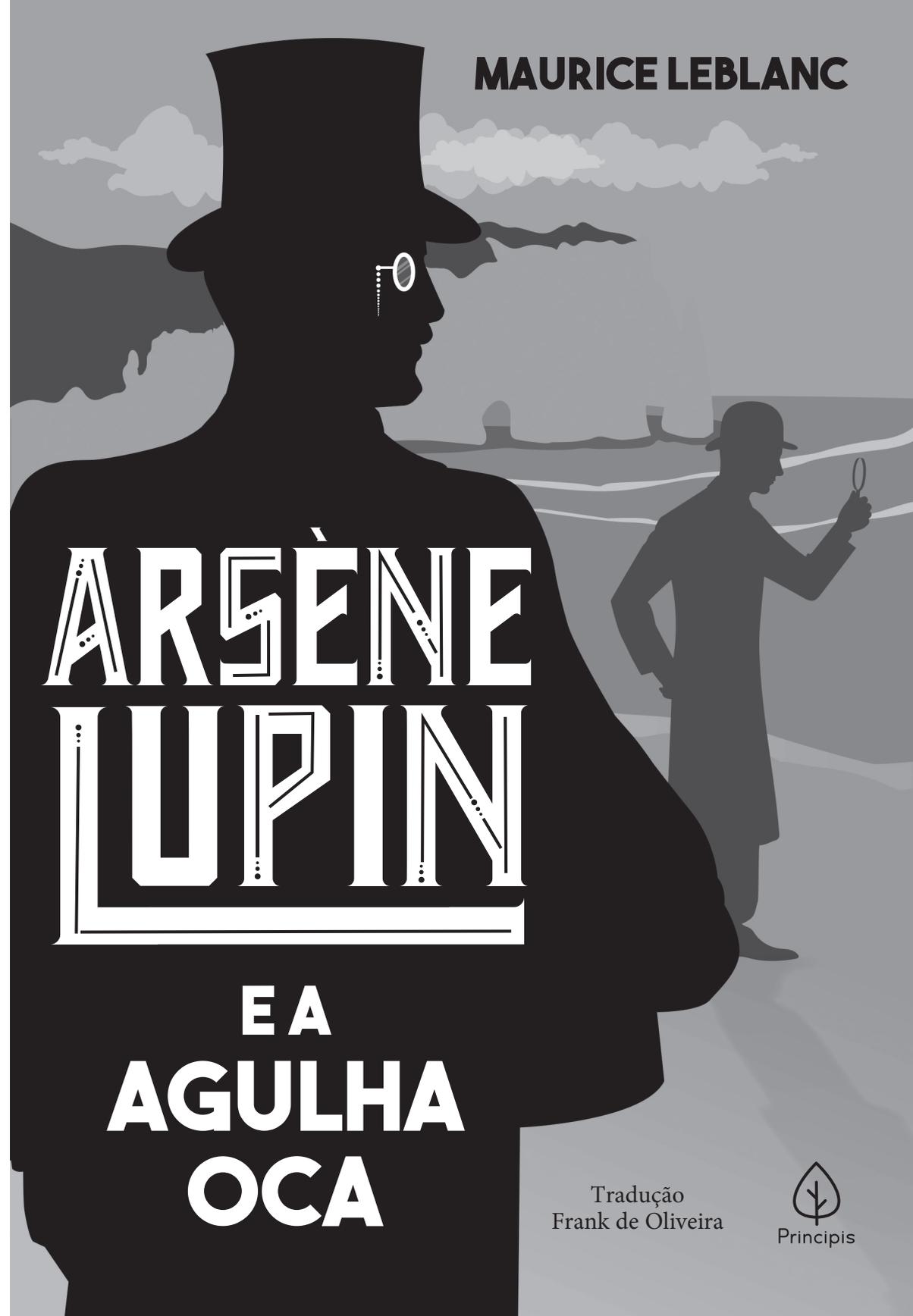


ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSENÈ
LUPIN**

**EA
AGULHA
OCA**

Tradução
Frank de Oliveira


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Aiguille Creuse

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Design de capa
Ciranda Cultural

Tradução
Frank de Oliveira

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Lisa Kolbasa/shutterstock.com;
MZ Picturesque/shutterstock.com;
Dervish45/shutterstock.com

Revisão
Renata Daou Paiva

Diagramação
Linea Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e a agulha oca / Maurice Leblanc ; traduzido por Frank de Oliveira. – Jandira, SP : Principis, 2021. 224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: L'Aiguille Creuse ISBN: 978-65-5552-509-0
	1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Oliveira, Frank de. II. Título. III. Série.
2021-1830	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

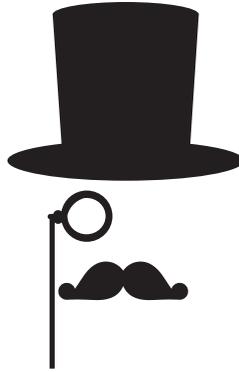
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

O tiro	7
Isidore Beautrelet, estudante de retórica	31
O cadáver.....	57
Face a face.....	80
Na pista	105
Um segredo histórico.....	123
O Tratado da Agulha.....	143
De César a Lupin	165
Abre-te, Sésamo!.....	180
O tesouro dos reis da França.....	198



O TIRO

Raymonde aguçou os ouvidos. Novamente e por duas vezes o ruído soou, claro o suficiente para que se pudesse destacá-lo de todos os barulhos confusos que formavam o grande silêncio noturno, mas tão fraco que ela não teria tido condições de dizer se estava próximo ou distante, se acontecia entre as paredes do vasto castelo, ou fora, entre os recantos tenebrosos do parque.

Ela se levantou devagar. Sua janela estava entreaberta, ela empurrou os batentes para o lado. O clarão da lua repousava sobre uma paisagem calma de gramados e bosques onde as ruínas espalhadas da antiga abadia se destacavam em trágicas silhuetas, colunas truncadas, ogivas incompletas, esboços de pórticos e fragmentos de arcobotantes. Uma brisa fluuava na superfície das coisas, deslizando pelos galhos nus e imóveis das árvores, mas sacudindo as pequenas folhas que nasciam dos maciços.

E de repente, o mesmo barulho... Era à sua esquerda e abaixo do andar onde ela morava, portanto nos salões que ocupavam a ala oeste do castelo.

Embora valente e forte, a jovem sentiu a angústia do medo. Vestiu a camisola e pegou os fósforos.

– Raymonde... Raymonde...

Uma voz fraca como um sopro a chamava do quarto ao lado, cuja porta não tinha sido fechada. Ela estava indo para lá Tateando quando Suzanne, sua prima, saiu desse quarto e desabou em seus braços.

– Raymonde... É você?... Você ouviu?...

– Sim... você não está dormindo?

– Acho que foi o cachorro que me acordou... faz um tempo... Mas ele não está mais latindo. Que horas devem ser?

– Mais ou menos quatro horas.

– Escute... Tem alguém andando no salão.

– Não há perigo, seu pai está lá, Suzanne.

– Mas há perigo para ele. Ele dorme ao lado do pequeno salão.

– O senhor Daval também está lá...

– Na outra extremidade do castelo... Como quer que ele ouça?

Elas hesitavam, sem saber o que fazer. Chamar? Gritar por ajuda? Elas não ousavam, de tal forma o próprio som de suas vozes lhes parecia assustador. Mas Suzanne, que se aproximara da janela, abafou um grito.

– Olhe... um homem perto do lago.

De fato, um homem estava se afastando com passos rápidos. Ele carregava debaixo do braço um objeto de dimensões bastante grandes, cuja natureza elas não puderam discernir, e que, balançando contra sua perna, interferia em seu andar. Elas o viram passar perto da antiga capela e se dirigir a uma portinhola que havia no muro. Essa porta devia estar aberta, pois o homem desapareceu repentinamente, e elas não ouviram o rangido usual das dobradiças.

– Ele estava vindo do salão – murmurou Suzanne.

– Não, a escadaria e o vestíbulo o teriam conduzido muito mais para a esquerda... A menos que...

Uma mesma ideia as sacudiu. Elas se inclinaram para a frente. Abaixo delas, uma escada estava erguida contra a fachada e se apoiava no primeiro andar. Um clarão iluminava o balcão de pedra. E outro homem, que também carregava alguma coisa, passou por cima do balcão, deixou-se escorregar pela escada e fugiu pelo mesmo caminho.

Suzanne, apavorada, sem forças, caiu de joelhos, gaguejando:

– Vamos gritar!... Pedir ajuda!...

– Quem viria? Seu pai... E se houver alguns outros homens e eles o ataquem?

– Poderíamos avisar os criados... Sua campainha se comunica com o andar deles.

– Sim... Sim... Talvez, é uma ideia... Desde que cheguem a tempo!

Raymonde procurou a campainha elétrica perto de sua cama e a apertou. Um timbre alto vibrou, e elas tiveram a impressão de que, de baixo, tinha sido possível ouvir seu som característico.

Elas esperaram. O silêncio se tornava assustador, e mesmo a brisa não agitava mais as folhas dos arbustos.

– Estou com medo... Estou com medo... – Suzanne repetia.

E de repente, na noite profunda, abaixo delas, o som de uma luta, um estrondo de móveis empurrados, exclamações, depois, horrível, sinistro, um gemido rouco, o estertor de um ser que é estrangulado...

Raymonde saltou em direção à porta. Suzanne agarrou-se desesperadamente ao seu braço.

– Não... não me deixe... estou com medo. Raymonde a empurrou e lançou-se para o corredor, logo seguida por Suzanne, que cambaleava de parede a parede, soltando gritos. Ela alcançou a escadaria, precipitou-se de degrau em degrau, correu para a grande porta do salão e parou bruscamente, pregada na soleira, enquanto Suzanne caía prostrada a seu lado. Na frente delas, a três passos de distância, estava um homem com uma lanterna na mão. Com um gesto, dirigiu-a para as duas jovens,

cegando-as com a luz, olhou longamente para seus rostos, depois, sem pressa, com os movimentos mais calmos do mundo, apanhou o boné, pegou um pedaço de papel e duas hastes de palha, apagou seus rastros no tapete, aproximou-se do balcão, voltou-se para as jovens, fez uma reverência e desapareceu.

A primeira, Suzanne, correu para o pequeno quarto de vestir que separava o grande salão do quarto de seu pai. Mas desde a entrada, uma visão terrível a deixou aterrorizada. À luz oblíqua da lua, dois corpos inanimados podiam ser vistos no chão, deitados próximos um do outro.

– Pai!... Pai!... É você?... O que houve? – ela gritou em pânico, inclinando-se sobre um deles.

Depois de um momento, o conde de Gesvres se mexeu. Com a voz partida, ele disse:

– Não tema nada... Não estou ferido... E Daval? Está vivo? A faca?... A faca?...

Naquele momento, dois criados chegavam com velas. Raymonde se jogou na frente do outro corpo e reconheceu Jean Daval, o secretário e homem de confiança do conde. Seu rosto já apresentava a palidez da morte.

Então ela se levantou, voltou para o salão, pegou uma arma do meio de uma panóplia presa à parede, que ela sabia que estava carregada, e saiu para o balcão. Certamente não fora há mais que cinquenta a sessenta segundos que o indivíduo colocara os pés na primeira barra da escada. Portanto, ele não poderia estar muito longe dali, especialmente porque tivera a precaução de deslocar a escada para que não pudessem usá-la. Ela logo o viu, de fato, caminhando pelas ruínas do velho claustro. Ela encostou a arma no ombro, mirou silenciosamente e atirou. O homem caiu.

– Perfeito! Perfeito! – gritou um dos criados. – Pegamos este. Vou até lá.

– Não, Victor, ele está se levantando... desça a escadaria e vá até a portinhola. Ele só pode escapar por lá.

Victor se apressou, mas antes mesmo de chegar ao parque, o homem tinha caído novamente. Raymonde chamou o outro criado.

– Albert, consegue vê-lo lá embaixo? Perto da grande arcada?...

– Sim, ele está rastejando na grama... Está perdido...

– Tome conta dele daqui.

– Não há como ele escapar. À direita das ruínas, está o gramado descoberto...

– E Victor vigia a porta à esquerda – disse ela, pegando novamente a espingarda.

– Não vá, senhorita!

– Ora – disse ela, com voz resoluta e gestos bruscos, deixem-me... Ainda tenho um cartucho... Se ele se mover...

E saiu. Um momento depois, Albert a viu indo em direção às ruínas. Ele gritou-lhe da janela:

– Ele se arrastou para trás da arcada. Não o estou vendo mais... Atenção, senhorita...

Raymonde contornou o velho claustro para impedir qualquer fuga do homem, e logo Albert a perdeu de vista. Depois de alguns minutos, sem conseguir revê-la, ele ficou preocupado e, sempre observando as ruínas, em vez de descer pelas escadarias, tentou alcançar a escada. Quando conseguiu, desceu rapidamente e correu direto para a arcada perto da qual o homem lhe aparecera pela última vez. Trinta passos adiante, encontrou Raymonde, que procurava por Victor.

– E então? – ele disse.

– Não consigo encontrá-lo – disse Victor.

– A portinhola?

– Estou indo... Aqui está a chave.

– No entanto... É preciso...

– Oh! A situação dele é certa... Em dez minutos, o bandido vai ser nosso.

O granjeiro e seu filho, despertados pelo tiro de espingarda, chegaram do lugar onde moravam e trabalhavam, que ficava bem longe à direita, mas dentro dos muros; eles não tinham encontrado ninguém.

– Diabos, não – disse Albert –, o patife não conseguiu sair das ruínas... Vamos desencavá-lo do fundo de algum buraco.

Eles organizaram uma batida metódica, vasculhando cada arbusto, afastando os pesados ramos de hera enrolados nas hastes das colunas. Certificaram-se de que a capela estava bem fechada e de que nenhum dos vitrais estava quebrado. Caminharam pelo claustro, visitaram todos os cantos e recantos. As buscas foram em vão.

Uma única descoberta: bem no local onde o homem havia caído, ferido por Raymonde, encontraram um boné de cocheiro, de couro amarelado. Exceto isso, nada.

Às seis horas da manhã, a polícia de Ouveille-la-Rivière era notificada e se dirigia ao local, após ter enviado expressamente ao tribunal de Dieppe uma pequena nota relatando as circunstâncias do crime, a iminente captura do principal culpado, “a descoberta de seu boné e do punhal com o qual perpetrara seu crime”. Às dez horas, dois veículos desciam a leve encosta que conduzia ao castelo. Um deles, uma venerável caleça, trazia o assistente do procurador e o juiz de instrução acompanhado de seu escrivão. Na outra, um modesto cabriolé, tinham tomado lugar dois jovens repórteres, representando o *Journal de Rouen* e uma grande folha parisiense.

O velho castelo apareceu. Antiga casa de abadia dos priores de Ambrumésy, mutilada pela Revolução, restaurada pelo conde de Gesvres a quem pertencia havia vinte anos, inclui um corpo principal encimado por um pináculo em que há um relógio, e duas alas, cada uma das quais envolvida por uma escada com balaustrada de pedra. Por cima dos

muros do parque e para além do planalto suportado pelas altas falésias normandas, é possível ver, entre os vilarejos de Sainte-Marguerite e Varangeville, a linha azul do mar.

Ali vivia o conde de Gesvres com sua filha Suzanne, uma criatura bonita e frágil de cabelos loiros, e sua sobrinha Raymonde de Saint-Véran, que ele havia recolhido dois anos antes, quando a morte simultânea do pai e da mãe da jovem a deixara órfã. A vida era calma e regular no castelo. Alguns vizinhos iam lá de vez em quando. No verão, o conde levava as duas jovens quase todos os dias a Dieppe. Era um homem alto, com rosto sério e bonito, de cabelos grisalhos. Muito rico, administrava ele mesmo sua fortuna e supervisionava suas propriedades com a ajuda do secretário Jean Daval.

Na entrada, o juiz de instrução recolheu as primeiras constatações do sargento de polícia de Quevillon. A captura do culpado, sempre iminente aliás, ainda não fora efetuada, mas todas as saídas do parque estavam vigiadas. Uma fuga era impossível.

A pequena tropa cruzou então a casa capitular e o refeitório localizados no térreo, e chegou ao primeiro andar. Imediatamente, a ordem perfeita do salão foi notada. Nem uma peça de mobiliário, nem um bibelô que parecesse não ocupar seu lugar habitual, e nenhum vazio entre esses móveis e esses bibelôs. À direita e à esquerda pendiam magníficas tapeçarias flamengas. Ao fundo, nos painéis, quatro belas telas, em molduras, representavam cenas mitológicas. Eram os célebres quadros de Rubens legados ao conde de Gesvres, assim como as tapeçarias de Flandres, pelo seu tio materno, o marquês de Bodadilla, fidalgo da Espanha.

O juiz de instrução, senhor Filleul, observou:

– Se o roubo foi o motivo do crime, esse salão de qualquer forma não foi objeto dele.

– Quem sabe? – disse o assistente, que falava pouco, mas sempre em uma direção contrária às opiniões do juiz.

– Vejamos, caro senhor, o primeiro cuidado de um ladrão teria sido retirar essas tapeçarias e essas pinturas, cuja fama é universal.

– Talvez não tenha tido a oportunidade.

– Isso é o que vamos descobrir.

Nesse momento, entrou o conde de Gesvres, seguido pelo médico. O conde, que não parecia ressentir-se da agressão de que tinha sido vítima, deu as boas-vindas aos dois magistrados. Em seguida, abriu a porta do quarto de vestir.

O cômodo, em que ninguém havia entrado desde o crime, exceto o médico, apresentava, ao contrário do salão, a maior desordem. Duas cadeiras estavam derrubadas, uma das mesas quebrada e vários outros objetos, um relógio de cabeceira, um classificador, uma caixa de papel de carta, estavam jogados no chão. E havia sangue em algumas das folhas brancas espalhadas.

O médico afastou o lençol que escondia o cadáver. Jean Daval, vestido com suas roupas comuns de veludo e calçado com botas ferradas, estava estendido de costas, um dos braços dobrado sob o corpo. Sua camisa havia sido aberta e percebia-se um grande ferimento que lhe perfurava o peito.

– A morte deve ter sido instantânea – declarou o médico. – Uma facada foi o suficiente.

– Certamente com a faca que vi na lareira da sala, perto de um boné de couro? – indagou o juiz.

– Sim – certificou o conde de Gesvres, – a faca foi apanhada aqui mesmo. Vem da panóplia do salão de onde minha sobrinha, a senhora de Saint-Véran, retirou a espingarda. Quanto ao boné de cocheiro, obviamente é o do assassino.

O senhor Filleul ainda estudou certos detalhes do cômodo, dirigiu algumas perguntas ao médico e pediu ao senhor de Gesvres que lhe fizesse o relato do que tinha visto e do que sabia. Eis em que termos o conde se expressou:

– Foi Jean Daval quem me acordou. Aliás, eu dormia mal, com lampejos de lucidez em que tinha a impressão de ouvir passos, quando de repente, abrindo os olhos, o vi aos pés da minha cama, a vela na mão, e totalmente vestido como está agora, porque muitas vezes trabalhava até tarde da noite. Ele parecia muito agitado e me disse em voz baixa: “Tem gente no salão”. De fato, percebi um barulho. Levantei-me e entreabri suavemente a porta deste quarto de vestir. No mesmo momento, a outra porta que dá para o grande salão foi empurrada e apareceu um homem que saltou sobre mim e me deu um soco na têmpora. Conto-lhe isso sem maiores detalhes, senhor juiz de instrução, pelo motivo de que só me recordo dos fatos principais e de que esses fatos aconteceram com extraordinária rapidez.

– E depois?

– Depois, não sei mais... Quando me recuperei, Daval estava estendido, mortalmente ferido.

– À primeira vista, o senhor não suspeita de ninguém?

– Ninguém.

– O senhor não tem nenhum inimigo?

– Não que eu saiba.

– O senhor Daval também não os tinha?

– Daval! Um inimigo? Ele era a melhor criatura que já existiu. Durante vinte anos em que Jean Daval foi meu secretário e, posso dizer, meu confidente, nunca vi em torno dele senão simpatias e amizades.

– No entanto, aconteceu uma invasão, um assassinato, deve haver um motivo para tudo isso.

– O motivo? Foi o roubo, puro e simples.

– Alguém roubou algo do senhor?

– Nada.

– Então?

– Então, se não roubaram nada e não falta nada, pelo menos devem ter levado alguma coisa.